



Caminhos que se bifurcam: os ismos e punks na ficção especulativa brasileira

A oitava edição da *Zanzalá* investiu em inúmeros olhares e possibilidades de celebração das diversidades regionais e culturais do Brasil: os *ismos* e os *punks* aludidos parecem ocupar muito mais espaço nas produções artísticas do que o título de nosso dossiê seria capaz de abarcar.

O conceito de “ondas” utilizado para entender as transformações da ficção científica (FC), fantasia e horror brasileiros é algo que vem habitando textos acadêmicos e debates desde a década de 1970, pelo menos no que se refere aos estudos ligados à literatura fantástica. O esforço de periodização desse conceito encontra no escritor, editor, pesquisador e convidado deste número, Roberto de Sousa Causo, um dos autores que mais detalha e desenvolve o panorama de cada “onda” da ficção especulativa ou narrativa fantástica brasileira, no âmbito de uma história da literatura nacional do gênero em seu magnífico livro *Ficção Científica, Fantasia e Horror no Brasil* (Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003).

Ao pretender organizar as produções de maneira mais didática, aponta-se para a própria complexidade da FC, fantasia e horror que, dentro dos estudos acerca dos gêneros audiovisuais, revelam-se notoriamente dinâmicos, movediços e constantemente mutáveis no processo histórico, como bem aponta Rick Altman em *Film/Genre* (London: British Filme Institute, 1999).

Mesmo que a ideia de “ondas” possa ajudar a organizar as abordagens, é preciso lembrar que elas também estão em constante movimento em um “mar” repleto de temas, inspirações e linhas de força, aglutinadas de forma coesa ou não, não raro tendendo a apresentar diferentes modos de se encarar o mundo. E aqui entram os *ismos* e *punks*, sufixos com amplo e profundo impacto em nossas sociedades contemporâneas. *Ismos* e *punks* não são coisa exclusiva de europeus ou estadunidenses, são “chaves de leitura” eventualmente adotados por diferentes grupos, artistas

e/ou críticos de arte.

Nesse sentido, ao tomarmos emprestado o pensamento de Donna Haraway em “Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial” (2009), que propõe perspectivas potentes para a construção de mundos cada vez menos organizados em função de dominação, a possibilidade de uma “novíssima onda” formada por novos *ismos* e *punks* merece atenção, na medida em que surge como um lugar(es) estratégico(s) para a representatividade de maiorias e/ou minorias marginalizadas, culturas contra-hegemônicas e modos de vida alternativos. Assim, para investigar e percorrer esses caminhos cada vez mais bifurcados por suas inúmeras necessidades de dizer, ver, mostrar e conhecer, apresentamos neste número trabalhos que dialogam com as mais diversas mídias.

Na seção “Artigos acadêmicos” é possível ler “Trilha sonora do futuro: especulação na música eletrônica e sua relação com a ficção científica”, de Leonardo Porto Passos e José Fornari, texto que explora a relação entre a música eletrônica e a FC. Já em “Piritas Siderais: Tupinipunks na aldeia global”, de André Rodrigues de Carvalho e Bernardo Bueno, discute-se como a identidade brasileira é retratada no tupinipunk a partir da análise da novela *Piritas Siderais* (Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1994), de Guilherme Kujawski. Ao adentrar o terreno do cinema brasileiro, o texto “Violência e Necropolítica em Bacurau: processos de descolonização e ecos da contracultura”, de Thiago Gomes e Cláudio Rodrigues Coração, busca compreender como as categorias de necropolítica e descolonização aparecem no filme de Kleber Mendonça Filho e Juliano Dornelles. O argumento dos autores se concentra na violência como fator fundante das subjetividades, na apropriação de códigos dos gêneros *Hollywoodianos* como subversão e, finalmente, discute aspectos de uma possível recuperação da contracultura brasileira.

Nessa mesma seção ainda contamos com ensaios de mais dois autores com pesquisa atuante no campo dos estudos da FC brasileira. Vítor Castelões Gama propõe uma retrospectiva histórica do termo amazofuturismo no ensaio intitulado “De onde vem e para onde vai o amazofuturismo?”, trabalho que descreve os problemas de definição do termo/movimento, por vezes inclinada ao exotismo. Por outro lado, Gama enfatiza a multiplicidade da Amazônia e traz como objeto de análise a tetralogia composta por quatro romances de Benedicto Monteiro, *Verde vago-mundo* (Brasília: EBRASA, 1972), *O minossauro* (Rio de Janeiro: Novacultura, 1975), *A terceira margem* (Rio de Janeiro: Editora Marco Zero, 1983) e *Aquele Um* (Rio de Janeiro: Editora Marco Zero; PLG, 1985). Em “Futurism and genre genesis in Brazilian science fiction”, de Patrick Brock,

o autor aborda, a partir do subgênero sertãopunk o colonialismo do regionalismo brasileiro, resultante na criação de uma identidade para a região Nordeste que é agora questionada e argumentada a partir da fusão entre motivações políticas e intervenções no gênero da FC, formando assim uma das infraestruturas do próprio futurismo.

Roberto de Sousa Causo, por sua vez, cedeu-nos gentilmente seus textos originais sobre a corrente da FC literária brasileira que ele nomeou “tupinipunk” pela primeira vez nos anos 1990, uma das primeiras apostas na identificação de um movimento (coeso ou não) dentro do gênero. Assim, este volume de Zanzalá apresenta os textos fundadores do tupinipunk de Causo em versão “fac-símile” – o primeiro “Tupinipunk – Cyberpunk Brasileiro” (1996), apresenta-se a favor desse subgênero, percorrendo o caminho dos fanzines que em meados de 1990 eram o principal meio de interlocução da comunidade brasileira de FC. Já em “O Estado da Arte: Ficção Científica Tupinipunk” (2015), Causo registra a sua perplexidade diante da sobrevivência do tupinipunk até o século XXI, o que atestaria não só a sua aproximação com a cultura modernista, mas também a eventual renovação de seus conteúdos.

Esta edição também conta com conteúdos audiovisuais na seção “Entrevistas”: o cineasta Matheus Moura fala sobre o seu curta-metragem *Ditadura Roxa* (2020), em que a sociedade é dividida entre as pessoas “roxas”, privilegiadas, e as pessoas “verdes”, trabalhadores e/ou indivíduos marginalizados. Nesse entremeio está Yeda, uma mulher verde que vive um paradoxo entre permanecer subalterna ou ascender socialmente. Na segunda entrevista, a pesquisadora Kênia Freitas conta a história do surgimento do termo Afrofuturismo, assim como suas readaptações e deslocamentos, pontuando sobre artistas, autores e autoras importantes para o desenvolvimento do conceito como Mark Dery, Kodwo Eshun, Alondra Nelson, Ytasha Womack, John Akomfrah e outros/as. Freitas destaca a tentativa de colocar a pluralidade no futuro por meio de imaginações que não apenas retomam ideias do passado mas que partem de lugares, traumas e opressões que estão em constante movimentação. A entrevista com Mariano Paz (University of Limerick, Irlanda) explora o tema do “Cinema de Ficção Científica do Sul: o caso argentino.” Paz investiga uma seleção de filmes menos focados no espetáculo e mais voltados à especulação por meio da alegoria política que é revisitada por cineastas locais (i.e. da América do Sul), demonstrando que as fronteiras entre a alta cultura e a cultura popular estão cada vez mais indiscerníveis. As vinhetas dos conteúdos audiovisuais trazem uma ilustração original de Roberto Causo que remete ao seu tupinipunk e à FC dos Fanzines dos anos 1990.

Finalmente, o amazonense João Queiroz é o artista convidado que nos agracia com suas imagens fantásticas (capa e ilustrações), tornando esses mundos imaginados mais palpáveis e saborosamente sedutores em sua visualidade polimórfica, antropofágica, talvez um tanto quanto barroca. Queiroz é geralmente citado como o principal inspirador, por meio de suas ilustrações, do amazofuturismo na FC brasileira, subgênero ou “movimento” que mistura a cultura dos povos originários com as estéticas do *cyberpunk* e/ou *solarpunk*, visando um futuro em harmonia com a natureza.

Esperamos que os caminhos percorridos nas reflexões gerem mais bifurcações e possibilidades de diferentes e enriquecedoras experiências do ver, ouvir e sentir, todas elas provocadas por nossa instigante ficção especulativa brasileira, em suas múltiplas e variadas formas. Boa viagem!

Alfredo Suppia
Carolina de Oliveira Silva

Equipe Editorial Zanzalá